



# ASPECTOS DA HISTÓRIA E DA SOCIEDADE GALEGA EM XOSÉ LOIS GARCÍA

---

ASPECTS OF THE GALICIAN HISTORY AND SOCIETY  
IN XOSÉ LOIS GARCIA

Sirlei Da Silva Fontoura<sup>1</sup>

Cláudio de Almeida Mello<sup>2</sup>

*Unicentro- Faculdade de Guairacá*

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar as relações entre literatura, história e sociedade na poética do escritor galego Xosé Lois García. Suas experiências pessoais e sua criatividade poética permitem-nos identificar valiosos aspectos da história e da sociedade galega, bem como ressignificar as lutas travadas durante os anos de Guerra Civil Espanhola e de ditadura franquista. Nesse sentido, literatura e história dialogam, revelando e denunciando múltiplos e silenciados problemas enfrentados pelos galegos. Nessa perspectiva, García reconstitui experiências vividas com percepção crítica. Trata-se de um trabalho de revisão bibliográfica e abordagem crítico-analítica de cunho qualitativa, embasado em autores como Buades (2013), Benjamin (1986), Torres (2015), Paz (1982).

**Palavras-chave:** Xosé Lois García; História; Sociedade.

**ABSTRACT:** The present work aims to analyze the relationships between literature, history and society in the poetics of the Galician writer Xosé Lois García. His personal experiences and his poetic creativity allow us to identify valuable aspects of Galician history and society, as well as to resignify the struggles waged during the years of Spanish Civil War and Franco dictatorship. In this sense, literature and history maintain a dialogue, revealing and denouncing multiple and silenced problems faced by the Galician people. In this perspective, García reconstitutes experiences lived with critical perception. It is a work of bibliographical review and critical-

---

<sup>1</sup> sirleifontoura@gmail.com

<sup>2</sup> claudiomello10@gmail.com

---

analytical approach of qualitative nature, based on authors such as Buades (2013), Benjamin (1986), Torres (2015), and Paz (1982).

**Key words:** Xosé Lois García; History; Society.

## INTRODUÇÃO

Xosé Lois García é um dos escritores de grande representatividade na literatura e cultura galegas. Nasceu em Lugo (Galiza-Espanha), em 1945, durante o período ditatorial sob o comando do general Francisco Franco. Filho de camponeses, viveu no interior da Galiza, imobilizado pelas cadeias de repressão política franquista, uma realidade de privações econômicas e de desprezo social.

Ao entrarmos em contato com a poesia de García, identificamos importantes aspectos relacionados à história e à sociedade galega. Posicionando-se de forma crítica, o poeta apresenta imagens de uma Galiza violentada, oprimida, injustiçada e calada e, ao mesmo tempo, combatente e vigorosa. Para isso, em vários de seus poemas, a Galiza é traduzida a partir de suas personagens e lugares, a fim de dar voz, por exemplo, aos camponeses, aos operários, à sua família, aos seus amigos, tanto no rural galego quanto nas grandes vilas, durante e após a Guerra Civil Espanhola.

É retratando esta Galiza que o presente trabalho será desenvolvido. A partir das análises de alguns poemas<sup>3</sup>, serão evidenciadas algumas relações ocorridas na sociedade galega, com o objetivo de fazer emergir o que a pátria espanhola e os seus filhos dizem por meio dos versos de Xosé Lois García.

### 1. POESIA, HISTÓRIA E SOCIEDADE

---

<sup>3</sup> No presente trabalho, optamos por não traduzir os poemas e as citações teóricas, visto que a língua galega é facilmente compreendida devido ao fato de ser similar à língua portuguesa. Ambas as línguas têm a mesma origem na única língua falada na Galiza, o galaico-português. Das 97 obras de Xosé Lois García, desde *Cancioneiro de Pero Bernal* (1972) até *Ecos dos poetas de Chantada* (2017), grande parte está escrita em língua galega, algumas em língua portuguesa e língua catalã e, raramente, em língua espanhola. Essa sua escolha, principalmente pela língua galega em relação à língua espanhola, caracteriza-se como um ato de resistência à padronização cultural e linguística, uma vez que, segundo o próprio autor, “o bloco castelhano” não pertence ao povo galego (GARCÍA, 2016).

---

O ato poético se concretiza por meio da história, ou seja, é considerado uma expressão social que não se separa das manifestações históricas. Em outras palavras, o ato poético se apoia em algo exterior, sem o qual não teria a possibilidade de se manifestar, pois “o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta” (PAZ, 1982, p. 228). Há que se considerar, portanto, que as palavras do poeta pertencem a um grupo histórico e aos momentos vividos deste grupo.

Para o autor, a palavra poética é histórica de duas maneiras: primeiramente como produto social, visto que a linguagem ali presente surge das circunstâncias de determinado ambiente, por meio dos sujeitos que ali interagem e que atribuem sentidos às palavras; em segundo lugar, como criação que transcende a realidade social, mas que se efetiva no mundo através vínculo entre homens que de geração em geração repetem suas histórias (PAZ, 1982).

Com isso não queremos dizer que sentido do poema não seja esgotado pela história, acreditamos que poesia e história dizem respeito a dois domínios com suas especificidades próprias. O discurso poético ficcionaliza a realidade; o discurso histórico, por sua vez, está submetido às condições de veracidade, a exigências próprias do mundo das ciências e do saber:

[...] é preciso que haja, em algum momento, a possibilidade do teste, do testemunho documental ou ocular. Isto está, por assim dizer, implícito no discurso historiográfico. Ao passo que, no discurso literário, as mesmas frases estão em outro regime, pelo qual o escritor pode dizer ‘o que aconteceu’, mas pode dizer o que ‘não aconteceu, mas poderia ter acontecido’ dentro de sua imaginação. (BOSI, 1993, P. 138)

Ainda com relação à poesia, Paz (1982) afirma que ela não é completamente deste mundo, pois sempre leva o leitor além, a outras terras, a outros mundos, a outras verdades. A poesia opera a uma representação da realidade a partir das experiências históricas vividas pelo poeta. Estas

---

experiências materializam-se em palavras e, assim, tornam-se “um produto histórico, filho de um tempo e de um lugar” (PAZ, 1982, p. 228).

Entretanto, mesmo havendo distinções entre poesia e história, nada impede a sua relação, destacada, principalmente, pelo ofício de narrar, tanto do historiador, quanto do poeta. Seja para aquilo que ocorreu, seja para aquilo que é verossímil, o uso da palavra para a transmissão de sentidos é fundamental.

Nessa perspectiva, compreendemos a configuração imaginária da sociedade galega como resultado da articulação das imagens tecidas a partir de dado contexto histórico. Essas imagens se concretizam no fazer artístico e são melhor compreendidas, portanto, em seu contexto social e histórico. Na obra de Xosé Lois García, isso é possível devido ao comprometimento ético e político-ideológico com os quais o autor elabora as suas obras, projetadas na dor coletiva de um povo que há muitos anos vive submisso.

Ao afirmarmos que as suas obras são projetadas de acordo com os elementos históricos e sociais, convém esclarecer que o social, especificamente, não é tomado como fator temático ou contextual, mas como “fator da própria construção artística” (CANDIDO, 2014, p. 14-16). Em outras palavras, o social, muito além de fornecer subsídios para a produção de determinada obra, converte-se em um importante elemento estrutural da obra de arte, tornando-se, portanto, um elemento interno, determinante do valor estético da própria obra.

Em suma, mesmo sendo a poesia de García de importante cunho social, os valores estéticos não são deixados de lado. Assim, evidencia-se a relação sociedade-arte, “um vasto sistema solidário de influências recíprocas” (CANDIDO, 2014, p. 33).

## 2. EM TEMPOS DE GUERRA E DE DITADURA FRANQUISTA

---

Em 19 de julho de 1936, eclodiu a Guerra Civil Espanhola, uma guerra entre compatriotas. Dominar a Galiza não foi um evento fácil, visto que nesta época a aprovação do Estatuto de Autonomia era recente e o movimento galeguista, fortificado.

Mesmo com os focos de resistência espalhados por toda a Galiza, a vitória da direita não deixou de acontecer. Em Ferrol, A Coruña e Vigo, os representantes políticos ligados aos sublevados não cumpriram com as ordens do governo de Madrid de entregar as armas. Assim, muitos ativistas políticos e sindicalistas foram mortos. A partir do momento em que os rebeldes dominaram a região, o horror e o medo estavam instaurados, rebaixando o povo a níveis indignos de vida durante o período de guerra (1936-1939).

Xosé Lois García não viveu nesse período de guerra, mas nasceu durante o período ditatorial, em 1945. Entretanto, ele expressa as dores que os seus irmãos galegos sentiram, identifica-se com eles, indigna-se com as ações violentas e humilhantes dos rebeldes e materializa esses sentimentos em suas linhas poéticas. Impondo-se contra o poder dos tiranos e a violência tão comum em tempos de guerra, surgem os versos *Seis lúas tristes para Federico García Lorca*, da obra *No imo do tempo* (2007):

Alta e fermosa luz  
escava pedra no vidro  
ausencia de labaradas  
dunha noite no Vilar  
e a Lúa remoe musgo  
en pingas de soidade.  
[...]  
Era a lúa despeitada  
debruzándose sobre o mar  
bagoas sobre o morto tecen  
as noites en soidade.  
Corpo de fábula e mirto,  
leva mortallas de níquel  
[...]  
Ai meu irmán afogado

---

levas o luar na caluga,  
[...]  
fálache Federico García,  
o que mataron con insidia,  
en Granada de cómaros verdes.  
A lúa dos teus cabelos  
Enxuga profanadas bágoas.  
[...]  
É a lúa bebendo sombras  
en murchas oliveiras.  
[...]  
(GARCÍA, 2007, p. 194-198)

Federico García Lorca foi fuzilado pelos fascistas em 19 de agosto de 1936, apenas um mês após a eclosão da Guerra Civil Espanhola. Com os seus olhos vendados, foi morto pelas costas, com “o luar na caluga”, em “Granada dos cómaros verdes”, província espanhola, preso a uma árvore de oliveira. No poema acima, a Lua é testemunha da crueldade contra o escritor que, com ousadia e contestação, revelava em suas obras os costumes desalentadores da Espanha tradicional que infelicitava os trabalhadores, os ciganos, as mulheres, os homossexuais. A homenagem a Lorca é direcionada a todos os que viveram no cotidiano espanhol arbitrário, injustiçado e sangrento daquele período.

Durante a guerra, o pai de Xosé Lois também sofreu diretamente a impiedade e a violência dos soldados de Franco. Xosé García Vázquez foi detido e torturado por agradecer a generosidade do Dr. Rafael de Vega Barrera, republicano, morto em 21 de outubro de 1936. No poema *18 de xuño de 2003*, da obra *Kalendas*, o poeta evoca o pai, “um homem singular cuja vida ficou lastrada por uma leve diminuição mental [...] estas suas limitações não o livraram da barbárie franquista e fascista [...]” (TORRES, 2015, p. 11, tradução nossa).

[...]  
Meu pai non tiña viño só anacos de odre  
e aí gardaba barbaries e desenganos.  
A súa memoria restituíu plenitudes  
de humanas cousas cercadas por un velo

---

cheo de xeometrías e de medos extensos.  
Discretas choivas na memoria xerminan,  
meu pai coñecía orxías e crimes fascistas  
e o convento de Celanova cala a vertixe.  
(GARCIA, 2005, p. 208)

Sua família, bem como as outras que passavam pelas mesmas privações econômicas, sempre foi desprezada pelos burgueses e agredidas pelos franquistas. Relatando a violência contra a sua família nos anos de guerra, no artigo *O prato único*, García relata o saqueio a que foi submetida a sua avó paterna Manuela Vázquez Ermida, anciã enferma e com dificuldades para enxergar. Com atitudes infames, os soldados mataram o seu cão e, insatisfeitos por não encontrarem alimentos em sua casa, mataram a sua cabra e a repartiram entre eles (TORRES, 2015).

*O prato único* era uma lei franquista de 30 de outubro de 1936, a qual obrigava a todos os estabelecimentos de alojamento e alimentos, assim como as casas familiares, a entregarem para a suposta beneficência quase a metade da arrecadação de dois dias ao mês. Mais tarde, em meados de 1937, começou-se a exigir a metade da arrecadação de um dia por semana. Não satisfeitos, os falangistas começaram a exigir o *prato único* dos pobres, indefesos e vulneráveis. Do outro lado da margem, estavam os poderosos e os amigos do regime. A estes nada lhes era exigido (TORRES, 2015).

Vítima da realidade que lhe restava aceitar, a família do poeta trabalhava para sobreviver em uma pequena propriedade de terra e, não sendo suficiente, tinha que contar com a ajuda de parentes e vizinhos. Nos primeiros dias de vida de Xosé Lois, um primo de seu pai emprestou à família uma cabra, para que dela fosse retirado o leite, metaforizado pelo poeta de “ouro branco”, “acionamento mata nenos”, a fim de alimentar o menino. Nos versos da obra *Tedempo*, o poeta retrata esta situação:

---

[...] o neno pobre no berce de canas e xergón de follas de millo, mamaba leite da cabra emprestada, polo Pedro de Perlada, curmán de meu pai, da liñaxe García, no conclave remiso, trouxo a cabra leiteira, con ubre de ouro branco, líquido, e dixo: “rachade esa cartilla de racionamento mata nenos”. Así foi meu primeiro alimento, dunha cabra con cornamenta, Remoendo traxedia naquel cortello de sebe e grosos piornos. (GARCÍA *apud* TORRES, p. 15)

Não é somente a própria fragilidade que o poeta retrata em seus poemas; a dos seus irmãos galegos, os camponeses, também se converte em poesia. O eu- lírico lembra dos caminhos que trilhou e do sofrimento dessas personagens, da vida amarga que suportavam. Não tinham outra opção a não ser suportar o cansaço dos braços para sobreviver.

Além disso, os humildes tinham de sofrer a rejeição das classes mais abastadas da Galiza. A má distribuição de terras em todo o território espanhol fazia com que o povo padecesse. Enquanto as regiões do Norte, especialmente a Galiza, apresentavam uma estrutura minifundiária, nas regiões do rio Tejo os latifundiários eram a maioria. Assim, de forma injusta, os que tinham menos trabalhavam para os grandes proprietários, alugavam a sua força de trabalho e, em troca, recebiam valores irrisórios (BUADES, 2013). Esse “tempo ido” é lembrado, portanto, pelo poeta:

Tempo ido, lembrado en meus ollos.  
[...]

Aquelas tardes tan sereas e caladas  
cando os labregos en agros de desdén  
poñían laios xenerosos nas aradas  
que soportaban eles e máis ninguén.

Varudos corpos en delicados pasos,  
avazanban sobre o grao en seitura  
fouces, monllos na fatiga dos brazos

e tensos dorsos en excitada ternura  
sometidos á canícula e aos traballos,

---

sen repouso estaban en noite pura.  
(GARCÍA, 2011 p. 213)

Outro poema que denuncia a exploração é o poema *Explotación*, da obra *Borralleira para sementar unha verba* (1974). Nas linhas poéticas, há a expressão clara do desequilíbrio social, da oposição camponês/operário versus latifundiário/empresário. O verbo “traballar” é conjugado em quase todas as pessoas, tarefa que deve ser realizada pela classe trabalhadora, menos “eles”, os burgueses, os quais detêm o poder econômico e político.

Eu traballo,  
tí traballas,  
él traballa,  
nós traballamos,  
vós traballades.  
Eles comen.  
(GARCÍA, 1974)

Esta obra foi escrita no período em que García estava passando por difíceis momentos na empresa em que trabalhava, em Barcelona: ele e outros 30 companheiros foram despedidos da SEAT (Sociedade Española de Automóviles de Turismo) por terem dirigido a greve do setor 7 em que trabalhavam. As consequências de suas ações resultaram na circulação de seus nomes em uma lista negra. Por este motivo, nenhuma outra empresa os contratava, pois tinham fama de revolucionários, características que, durante o Franquismo, era repudiada e fazia com que os trabalhadores fossem excluídos laboralmente.

Esta onda repressiva e violenta, seja física, que aniquila literalmente a vida do homem, seja a que resulta em perda de sensibilidade nas relações sociais e políticas alimentadas pelo autoritarismo, acompanharam os galegos e persistiram até os anos finais da ditadura franquista. Em 02 de março de 1974, Salvador Puig Antich, militante anarquista catalão, última vítima da ditadura franquista, foi executado pelo regime franquista após ter sido julgado e

---

considerado culpado pela morte de um guarda civil, em Barcelona. Sintetizando a essência do Franquismo, García escreve o poema *Homenaxe a Salvador Puig Antich*, da obra *No imo do tempo* (2007):

Poder sañado con tricorne e machada  
con vitorios ao fratricidio perfecto,  
tallando os horizontes dun proxecto  
nesa Tiranía de Providencia Sagrada.

Outro crime sustentado nun vil rito.  
Salvador Puig Antich foi asasinado;  
sangue vertical dun crime de Estado  
e a Iberia mortificándose sen delito.

O garrote dun Caín histórico e infame  
asasinoute na súa violencia tenebrosa  
e amedentrounos no tiro e no arame.

Esa vítima para sempre será moi nosa  
e dela necesitamos o eco que nos chame  
cos seus beizos de pólvora e de rosa.  
(GARCÍA, 2007, p. 141-142)

Conhecedor da sua integridade e do seu comprometimento com a luta política antifranquista, Xosé Lois solicitou ao Centro Gallego a emissão de uma petição de indulto a Salvador, porém o seu pedido foi negado, ficando a instituição à margem de todo o problema que envolvia o anarquista. Por este motivo, nos versos acima, o eu-lírico, inconformado com a situação, afirma ser essa uma culpa a ser carregada por todos os espanhóis, visto que foi um “fratricidio perfecto”. Assim, Espanha, comparada ao “Caín histórico e infame”, valendo-se de um “garrote vil”, faz com que “Esa vítima para sempre será moi nosa”.

Em linhas gerais, eis o retrato da sociedade galega, pintado por García. Nele, o mundo aparece envolvido em uma atmosfera de caos e horror, que

---

trouxe efeitos negativos para todos os que, direta ou indiretamente, foram alvo da truculência dos tiranos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de suas produções poéticas, Xosé Lois García denuncia em personagens, cenas e lugares as barbáries vividas pelos galegos durante o período de guerra e de ditadura franquista. Assim, a obra se constitui em representação de alguns aspectos da sociedade galega, bem como da história.

Entretanto, trata-se da história a partir da perspectiva dos vencidos (BENJAMIN, 1986), ou seja, García dá voz aos indivíduos que a própria história fez questão de esquecer ao serem calados pelos vencedores da história, os quais tentam construir uma única versão, incontestável. Numa tentativa de desempenhar a “tarefa de escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1987, p. 225), García se mostra resistente e apresenta uma história oposta à oficial.

Além de se constituir em representação da história e da sociedade galega, há a representação das próprias experiências vividas pelo poeta, do seu compromisso com o meio social, das suas críticas ao poder dominante. Dessa forma, García constrói em suas obras um canto de amor aos que estão à margem, característica que revela a dimensão do seu projeto literário.

Registrando as práticas de violência destinadas a reprimir e a humilhar os camponeses, os operários, a sua família e todos os galegos de maneira geral, o poeta os retira da obscuridade e os insere na história do mundo, digna de ser contada; ou seja, em um diálogo entre poesia e contexto sociohistórico, há o desnudamento das nuances silenciadas da Galiza.

---

REFERÊNCIAS:

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Alfredo. Debate com Walter Mignolo. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flavio Wolf de. (Orgs.) *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993.

BUADES, Joseph. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Contexto, 2013.

CANDIDO, Antonio Candido. *Literatura e Sociedade*. Estudos de Teoria e História Literária. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.

GARCÍA, Xosé Lois. Abrilsonetos. In: \_\_\_\_\_. *No imo do tempo*. A Coruña: Toxosoutos, 2007.

GARCÍA. Borralleira pra sementar unha verba. Monforte de Lemos: Xistral, 1974.

GARCÍA. *Kalendas*. Galicia: Edicións Xerais, 2005.

GARCÍA. *No imo do tempo*. A Coruña: Toxosoutos, 2007

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

TORRES, Camilo Gómez. *De rebeldias, sonhos e irmandades*. Noticia de Xosé Lois García. Lugo: Xermolo